

"Fraxinus excelsior

Ali, onde te conheci, és como um soldado em formação, alinhado com seus pares numa geometria imperfeita.  
Ocupas sempre uma posição estratégica.  
És um de uma centúria invencível que guarda o território das ancestrais gerações de pastores.  
Na Primavera cheiras a feno.  
No Verão temperas de frescura o suor da lavoura.  
No Outono, mansamente, aceitas que te esgalhem para que o ciclo da vida se cumpra.  
No Inverno esperas, nu, o renovo.  
Durante anos apontarás às alturas novas varas como filhos que estendes ao Criador.

Neste tempo pareces abandonado. Vieram árvores estrangeiras e foram-se urgências que preenchias.  
Mesmo assim, não te esqueço.  
Visitei-te no mesmo lugar onde, em menino, te abracei.  
Confesso que me pareces eterno.  
Preenchido de lenha, aguardas o lenhador, como a ovelha o seu tosquiador.  
Enquanto puder, serei teu parceiro e cuidarei de ti como se cuidasse de mim.  
Lembras-me o que sou, mesmo que seja apenas uma ilusão.  
Num mundo de plástico tu, freixo, és a dureza que aponta outros rumos.  
Guardarei, com saudade, as histórias dos frescos lugares que habitas."

(Junho 2020, José Gama)